



Dr. João Ricardo Auler: 25 anos dedicados à medicina reprodutiva

Página 2

Tecnologia amplia chances de gravidez na primeira tentativa

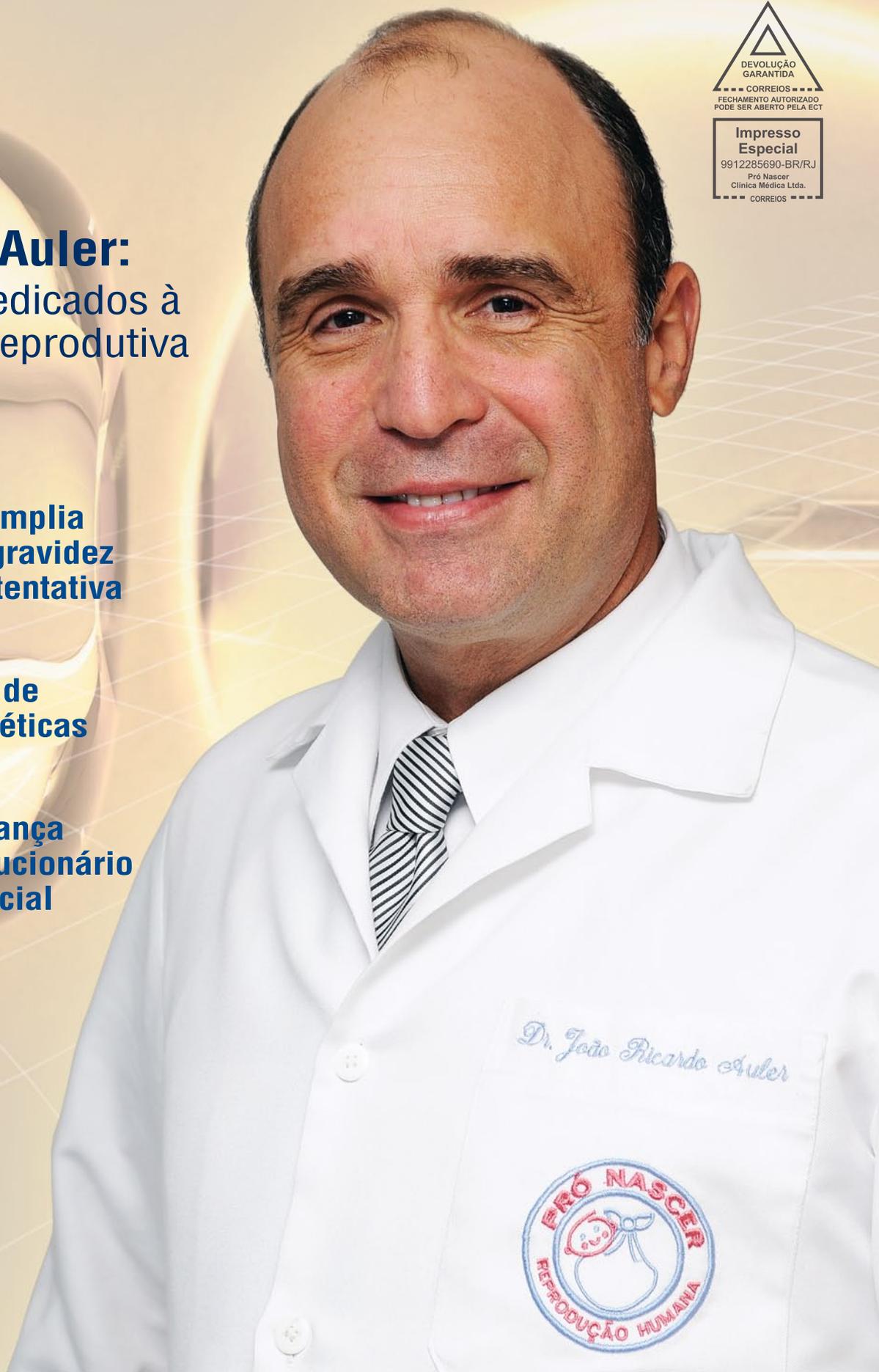
Página 4

Filhos livres de doenças genéticas

Página 5

Pró Nasc lança novo e revolucionário programa social

Página 6




Dr. João Ricardo Auler

A trajetória de um médico que ‘respira’ medicina reprodutiva

Quando surgiu a Pró Nascer?

João Ricardo – Do sonho de ajudar casais menos favorecidos financeiramente, que estavam completamente excluídos desses tratamentos. Foi preciso enfrentar o preconceito de que era possível aplicar um tratamento de alta tecnologia a custos mais ajustados e em regiões mais carentes do Rio de Janeiro. Porém, com os resultados satisfatórios, a população e a comunidade médica, principalmente, adquiriram inteira confiança no serviço.

A que atribui esse sucesso?

J.R. – Ao fato de conseguirmos proporcionar um tratamento laboratorial de alto padrão técnico, com equipamentos de alta tecnologia, com profissionais capacitados e com histórico de pioneirismo na técnica de FIV no Brasil. Nosso objetivo principal sempre foi aplicar as melhores técnicas preconizadas internacionalmente no tratamento da infertilidade com as maiores possibilidades de resultados satisfatórios, o que nos levou a resultados comparáveis à literatura mundial.

O que é mais importante: investir em tecnologia ou na capacitação e atualização profissional?

J.R. – Uma coisa não anda sem a outra. Em nada adiantam equipamentos tecnológicos mais modernos, se não soubermos manejá-los.

A Pró Nascer foi pioneira no município do Rio a receber a acreditação da Anvisa. Qual a importância disso?

J.R. – Não é por acaso que isso aconteceu, e sim por empenho e competência de toda a nossa equipe, preocupada em atender as normativas do Conselho Federal de Medicina e da Anvisa, que considero hoje um dos mais eficientes órgãos fiscalizadores públicos no Rio de Janeiro. Acho que foi um verdadeiro “troféu”.

O senhor também foi pioneiro ao lançar um projeto para casais de baixa renda e ao promover uma pós-graduação na área. Qual o impacto dessas ações?

J.R. – Em 2005, lançamos o Projeto Vida, que beneficiou casais que não tinham condição financeira de arcar com os custos da clínica. Cobrávamos somente o custo operacional, pois entendíamos que a gravidez seria o maior ganho. Estamos relançando o projeto Vida com caráter inovador. Agora estamos oferecendo tratamento, por um custo especial e com a medicação já incluída.

Em 2012, realizamos o primeiro Curso de Pós-Graduação em Medicina Reprodutiva Humana do Rio de Janeiro, dando credibilidade científica à Pró Nascer.

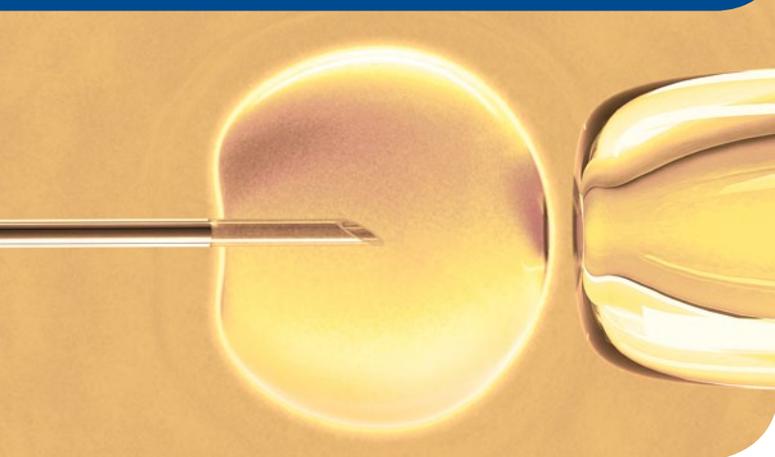
De que forma os médicos podem contar com o serviço da Pró Nascer?

J.R. – Uma das principais formas de o paciente chegar à primeira consulta na Pró Nascer é através da indicação médica, principalmente de ginecologistas e urologistas. Habitualmente, esses profissionais chegam ao diagnóstico do casal, porém, na maioria dos casos, a solução do problema depende de um

“Estamos relançando o projeto Vida com caráter inovador. Agora estamos oferecendo tratamento, por um custo especial e com a medicação já incluída.”

Quando prestou vestibular para Medicina em 1980, o futuro médico João Ricardo Auler já tinha em mente a qual área se dedicar: a medicina reprodutiva. Como não havia especialização, ele optou por cursar a graduação em ginecologia e a pós-graduação em ginecologia e obstetrícia. “A faculdade de Medicina até hoje não tem a cadeira de reprodução humana. Mas eu sempre fui um entusiasta do tema, tanto que defendi a tese sobre medicina reprodutiva na minha especialização”, argumenta. Auler comenta que muito do que sabe aprendeu na literatura e nos congressos internacionais e nacionais, principalmente os promovidos pela Sociedade Brasileira de Reprodução Humana e pela Sociedade Brasileira de Reprodução Assistida.

Com mais de 25 anos de experiência, a paixão pela reprodução humana assistida permanece. Acompanhe, na entrevista, a trajetória profissional de João Ricardo Auler e como se deu a conquista de um sonho: a criação da Clínica Pró Nascer, fundada em 2001.



laboratório de reprodução assistida acoplado. Por isso, os pacientes precisam ser encaminhados para as clínicas especializadas em medicina reprodutiva. Essa forma de encaminhamento médico representa mais de 40% dos que nos procuram na primeira consulta. Acreditamos que essa grande demanda se dá, principalmente, em razão da confiança desses profissionais em nosso potencial, tendo em vista nossos resultados aliados aos custos mais competitivos do mercado.

Desde que começou a atuar na área, o que antes era impossível ou não se imaginava e que hoje é real, em termos de tratamento de reprodução assistida?

J.R. – Há mais de 30 anos, quando a FIV foi lançada no mundo, os resultados não ultrapassavam 5%. Atualmente, dependendo da idade da mulher, os resultados atingem

50% em média/tentativa. Deve-se isso à crescente tecnologia na área da medicina reprodutiva e genética. Os meios de cultura onde os embriões ficam depositados antes de serem transferidos para o útero são cada vez mais semelhantes ao líquido da luz tubária, simulando um aspecto muito similar à natureza. Conseguimos conectar lentes de ampliação 7 mil vezes maior para a visualização de espermatozoides. Na área da genética, podemos avaliar a totalidade dos 46 cromossomos do embrião para detectar alterações genéticas, antes de serem transferidos para o útero. Tudo isso faz diferença, pois gera resultados muito mais satisfatórios e bebês saudáveis geneticamente. Enfim, os resultados disparam nos últimos 30 anos.

O que foi a Pró Nascer há 12 anos e o que é a Pró Nascer hoje?

J.R. – O “casamento” de resultados atraentes e custos acessíveis fez com que a clínica se expandisse e montasse, em 2005, na Barra da Tijuca, no moderno Centro Médico BarraLife, um Centro de Medicina Reprodutiva com 420 m², nos padrões reconhecidos internacionalmente, como o credenciamento da Rede Latino-Americana de Reprodução Assistida (RedLara) e da Vigilância Sanitária do Estado do Rio de Janeiro (Anvisa).

Quais os planos para o futuro próximo?

J.R. – Nosso sonho é fazer as avaliações genéticas, como o CGH, de rotina, e não com indicações específicas, como é feito hoje, apenas para mulheres com idade avançada e com história familiar de má-formação genética, já que falar em uma tecnologia tão alta, como a fertilização *in vitro*, e não caminhar junto com a certeza de embriões saudáveis não combina.

Que mensagem gostaria de deixar para os médicos?

J.R. – Para os colegas, que temos interesse em comum: os resultados satisfatórios para o paciente. Gostaria de reafirmar que temos a preocupação de nos manter atualizados para que tenhamos resultados comparáveis aos da literatura mundial. Nas clínicas de medicina reprodutiva no mundo, os equipamentos são iguais; as técnicas preconizadas são iguais; os materiais, perecíveis ou não, são originários do mesmo lugar no mundo; os óvulos e embriões não podem ser modificados em qualquer clínica do mundo. Portanto, o que difere é a tecnologia empregada, que se modifica cada dia. Por isso, é importantíssimo essa atualização. Montamos, em 2012, o primeiro Curso de Pós-graduação em Reprodução Humana Assistida no Rio de Janeiro, exatamente para trocar experiências com todos os colegas médicos interessados na especialidade. Temos a convicção de que aplicamos o melhor e o que há de mais atual. E o mais importante: mesmo com a tecnologia cada vez mais crescente, temos custos acessíveis para todas as classes socioeconômicas que necessitam desse tipo de tratamento. Por isso, digo que a Clínica Pró Nascer é a melhor opção custo-benefício no estado do Rio de Janeiro em tratamentos laboratoriais de infertilidade. Então, só tenho a agradecer aos colegas que sempre acreditaram na competência de toda a equipe Pró Nascer. ■

Tecnologia diminui barreiras da infertilidade

Oligozoospermia (diminuição da quantidade de espermatozoides), varicocele (dilatação anormal das veias dos testículos), alterações hormonais, traumas cirúrgicos, produção de anticorpos anti-espermatozoides, criptorquidia (falha na descida dos testículos) e anomalias genéticas representam um impeditivo na vida do casal que deseja ter um filho. Para romper essas barreiras, a Pró Nascerc investe em tecnologia, sendo a única clínica de medicina reprodutiva do Rio de Janeiro a ter o Super-ICSI, tecnologia que possibilita aumentar os índices de gestação.

O biólogo Paulo Lara Fernandes explica que “o equipamento permite selecionar, através de um microscópio de magnificação, os espermatozoides com melhor morfologia, em tempo real, acarretando um aumento nas taxas de gestação e uma diminuição do número de abortos”. Segundo ele, existem critérios para utilização do Super-ICSI, como concentração e motilidade dos espermatozoides.

O biólogo da Pró Nascerc aponta alguns casos em que o Super-ICSI é o mais indicado: falha de implantação, aborto de repetição, falhas de tratamento de infertilidade por fertilização *in vitro* (FIV) e fragmentação do DNA.

Responsável pelo laboratório de Super-ICSI, Paulo Fernandes diz que, com o procedimento, é possível eliminar os fluidos seminais, restando apenas os espermatozoides capacitados em meio de cultura, para serem injetados nos óvulos. “Esses espermatozoides são observados quanto a formato, existência de vacúolos, protuberâncias, extrusões, invaginações, tamanho da cabeça e tamanho do acrossoma”, conta. Fernandes revela que usa critérios morfológicos (formato, simetria, regularidade e uniformidade, homogeneidade e tamanho) para selecionar os melhores espermatozoides.

A prática profissional é fundamental nessa análise. “Reconhecer as estruturas espermáticas, as anomalias que as envolvem e o seu significado, assim como o



Placa de cultura no microscópio pronta para realização da ICSI (injeção intracitoplasmática).

tempo e a dedicação do profissional para a observação dos espermatozoides, é primordial”, salienta o biólogo. Fernandes diz que suas tarefas começam na observação do sêmen fresco e passam por verificação da concentração e motilidade, capacitação do sêmen, preparo do equipamento (microscópio invertido com lente de magnificação), montagem da placa com o meio de cultura e micromanipulação dos espermatozoides.

O biólogo da Pró Nascerc avalia que o Super-ICSI se tornou um importante aliado no sucesso do tratamento, desde que o Conselho Federal de Medicina baixou a resolução CFM nº 1.957/2010, publicada em 6 de janeiro de 2011 no *Diário Oficial da União*, determinando o número máximo de embriões a serem transferidos para o útero, de acordo com a idade da mulher. “A limitação no número de embriões transferidos não implica diminuição significativa da taxa de gestação, já que também está relacionada ao êxito na concepção de cada faixa-etária. Nesse caso, a análise minuciosa dos espermatozoides aumenta as chances do casal”, conclui. ■



Filhos saudáveis

Técnica ajuda a escolher embriões livres de doenças genéticas

Ter filhos saudáveis. Essa meta pode se tornar uma preocupação para mulheres com problemas genéticos, idade avançada, histórico de abortos e para casais que já tenham filhos com alguma anomalia cromossômica, histórico familiar de doenças genéticas e falhas recorrentes de fertilização *in vitro* (FIV). Casos de câncer, talassemia, fibrose cística ou síndromes de Down e Turner, por exemplo, podem ser evitados através de uma tecnologia para análise genética e cromossômica denominada diagnóstico genético pré-implantacional (PGD, em inglês).

“Com a técnica, é possível identificar embriões geneticamente normais e aumentar a chance de uma gestação viável e um bebê geneticamente normal”, aponta a bióloga Natália Prates, chefe do laboratório de FIV da Clínica Pró Nascer. Ela, que é mestrandia em embriologia clínica pela Universidade de Leeds, na Inglaterra, diz que o PGD é recomendado em casos de anomalias cromossômicas conhecidas, como síndrome de Down, síndrome de Klinefelter e translocações robertsonianas, em casos de doenças ligadas ao cromossomo X (hemofilia A, distrofia muscular de Duchene, síndrome do X frágil) e em doenças monogênicas (β -talassemia, fibrose cística, Tay-Sachs). “Com a evolução do conhecimento nessa área, hoje há possibilidade de diagnosticar mais de 600 doenças gênicas”, ressalta.

A bióloga explica que há dois tipos de testagem, o PGD-FISH e o PGD-PCR. A técnica FISH (hibridação *in situ* fluorescente) é usada para a investigação de síndromes que ocorrem por alterações cromossômicas. Nesses casos, os cromossomos pesquisados são principalmente os de números 13, 15, 16, 17, 18, 21, 22, X e Y, que podem causar síndromes de Down, Patau, Edwards, Turner e Klinefelter. Para a pesquisa das doenças gênicas, como câncer, fibrose cística e talassemia, a testagem é feita por PCR. A Pró Nascer utiliza ambas as técnicas desde 2009. No entanto, a partir do ano passado, tem oferecido também a hibridação genômica comparativa (CGH, em inglês), que também detecta embriões livres de doenças genéticas antes de serem transferidos para o útero da mãe. A diferença é que, com essa técnica, todos os 24 cromossomos são analisados.

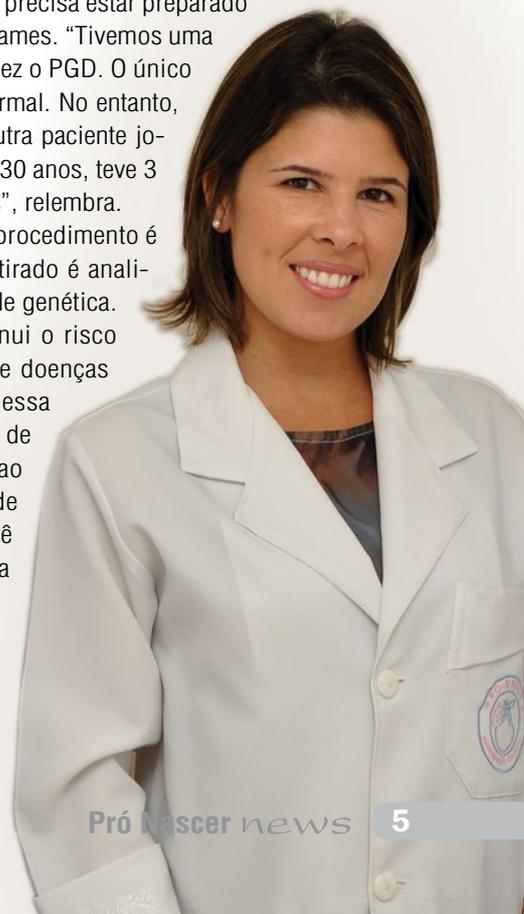
A realização de biopsia dos embriões para posterior análise pode ser feita no 3º ou 5º dias do desenvolvimento embrionário. Entretanto, quando é feita no 5º dia, existe uma

diminuição considerável na margem de falso positivo. “No embrião de terceiro dia, é retirada uma célula e pode ocorrer de esse embrião ser um mosaico, ou seja, uma célula com característica diferente das outras, não sendo um representativo total do embrião. Dependendo da quantidade de células anormais, aquele embrião pode ser normal. O risco de fazer a técnica no terceiro dia está na possibilidade de fazer a biopsia de um embrião mosaico, que pode dar um falso positivo ou um falso negativo. O que evoluiu é que hoje, fazendo a biopsia de blastocisto, que tem centenas de células, com apenas uma retirada, é possível analisar todos os cromossomos. Então, você minimiza essa chance de dar um falso positivo ou um falso negativo”, explica a bióloga.

Embora seja um procedimento invasivo, Natália Prates diz que não há contraindicação, mas que a paciente deve estar ciente de que o procedimento não garante o objetivo final, a gravidez. “Tem o risco de a paciente ter um embrião biopsiado, todos serem alterados e ela não ter embrião pra transferir. É importante saber lidar com a expectativa”, argumenta. A bióloga cita dois casos ocorridos recentemente na Pró Nascer para defender que o casal precisa estar preparado para os resultados dos exames. “Tivemos uma paciente de 41 anos que fez o PGD. O único embrião que tinha era normal. No entanto, ela não engravidou. Já outra paciente jovem, com pouco mais de 30 anos, teve 3 embriões, todos alterados”, relembra.

Nas duas técnicas, o procedimento é o mesmo e o material retirado é analisado em um laboratório de genética. “A vantagem é que diminui o risco de aborto e, em casos de doenças familiares, impede que essa alteração seja transmitida de pais para filhos e traz ao casal a tranquilidade de saber que vai ter um bebê saudável”, complementa a especialista. ■

Natália Prates, chefe do laboratório de FIV da Clínica Pró Nascer.



Pró Nascer revoluciona ao aliar tratamento e medicação em programa social

Eles têm problemas de infertilidade, sonham em ter filhos, mas esbarram no custo do tratamento. Para essa camada da população, a Clínica Pró Nascer criou, em 2005, o Projeto Vida, que já beneficiou mais de mil casais. Entretanto, a partir de junho, o projeto ganhou um novo e revolucionário formato: o tratamento com especialistas que utilizam a mais alta tecnologia em medicina reprodutiva conta também, agora, com a medicação.

“Apesar da inclusão dos medicamentos de estimulação, o custo é um dos mais atraentes do mercado nacional”, garante João Ricardo Auler, diretor médico da Pró Nascer e idealizador do programa social. Para ele, “o acesso à maternidade e à paternidade é um direito de todos, independente de classe social ou poder econômico”.

O médico afirma que isso só é possível porque, no novo formato do projeto, praticamente só é cobrado o custo operacional, incluindo o material laboratorial necessário para a fertilização *in vitro* (FIV). “Os honorários dos médicos envolvidos nesse tratamento são bastante reduzidos. Além disso, com o objetivo de proporcionar a diminuição ainda maior do custo total do tratamento, a medicação necessária para estimulação ovariana, antes comprada pela paciente nas farmácias, agora está inclusa no tratamento e ainda pode ser parcelada”, reforça Auler, que é membro da Sociedade Brasileira de Reprodução Assistida, da Sociedade Brasileira de Reprodução Humana e da Rede Latino-Americana de Reprodução Assistida, a RedLara.

O diretor médico da Pró Nascer conta que fechou parceria com a indústria farmacêutica adquirindo esses medicamentos a preço de fábrica. “Eles são repassados para os pacientes sem os lucros das distribuidoras”, ressalta.

Na concepção de Auler, o Projeto Vida derruba a máxima de a medicina reprodutiva ser somente para a classe A: “Não se



pode desconsiderar o custo elevado do tratamento, que envolve manipulação dos óvulos, espermatozoides e embriões, medicação para estimulação ovariana e procedimento cirúrgico.”

Auler acredita que, mesmo se o tratamento de FIV fosse oferecido na rede pública ou coberto pelos planos de saúde, ainda assim ficaria mais caro do que o modelo atual do Projeto Vida. “Só os medicamentos necessários ficariam mais caros do que o que hoje é cobrado no nosso programa social”, analisa. “Isso sem considerar que a Pró Nascer tem estrutura laboratorial acreditada pela RedLara e aprovação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária, a Anvisa, além de resultados similares a clínicas internacionais”, salienta.

Como participar?

Para ingressar no Projeto Vida, em que não há necessidade de comprovação de renda, o primeiro passo é marcar consulta inicial pelo telefone (21) 3171-7886.

No primeiro atendimento, realizado na clínica do Projeto Vida, em Duque de Caxias, o



paciente ou o casal tem contato com a médica responsável pelo atendimento clínico do projeto, Cristiane Coelho, ginecologista com pós-graduação em Reprodução Humana Assistida pela Universidade Gama Filho. Nessa consulta, é realizada a entrevista médica e são solicitados todos os exames necessários para chegar ao diagnóstico de cada paciente, podendo a maioria ser realizada pelo plano de saúde da paciente. “Em uma próxima consulta, aplicamos o tratamento ideal para cada caso”, explica a infértil.

A médica conta que, após a conduta terapêutica, todos os passos são realizados na unidade Barra da Tijuca, da Pró Nascer: USG seriada, aspiração folicular e transferência embrionária.

Para ela, o fato de o tratamento laboratorial ser realizado na Pró Nascer, que tem mais de dez anos de atuação na área de reprodução humana e é acreditada pela RedLara, tendo licença definitiva da Vigilância Sanitária do Rio de

Janeiro, é uma segurança para o casal ou paciente que se beneficia com o projeto. “Isso mostra que o projeto é social e preza a qualidade na assistência”, sublinha.

“A ideia é oferecermos um tratamento com a mesma qualidade laboratorial que as pacientes atendidas na Clínica Pró Nascer, independentemente da forma de pagamento, além de ter um cunho ideológico e ético muito significativo, respeitando todas as normativas do Conselho Federal de Medicina”, pontua Cristiane Coelho.

Novas parcerias

O idealizador do programa adianta que seu objetivo é criar polos de atendimento do Projeto Vida em diversos bairros do Rio e também do interior do Estado, através de parcerias com ginecologistas entusiastas da área de reprodução assistida, a fim de dar acessibilidade e praticidade cada vez maior a um número de pacientes com indicação absoluta nesse tipo de tratamento. “O objetivo é formar uma rede e levar esse programa ao maior número de pessoas pertencentes a uma camada da população que hoje não tem acesso a esse tipo de tratamento”, vislumbra Auler.

Para manter os resultados dos novos polos no mesmo nível dos resultados da literatura mundial, como hoje ocorre na unidade da Pró Nascer, na Barra da Tijuca, Auler diz que os médicos interessados em se tornar parceiros do projeto terão que fazer um curso de especialização na própria Pró Nascer como um dos requisitos da parceria.

“Brevemente, lançaremos essa sólida e saudável parceria em muitas regiões para todos os médicos interessados. “Se depender de mim, não restará um paciente sequer sem atingir o sonho da procriação, independentemente de sua classe econômica”, projeta João Ricardo Auler. ■

Segurança e tecnologia: sinônimo de bons resultados

Segurança e tecnologia são palavras de ordem na Pró Nascer para alcançar bons resultados. Duas áreas importantes, a anestesiologia e a ultrassonografia, contribuem para alto índice de sucesso nos procedimentos realizados na clínica. Acompanhe abaixo a entrevista dos especialistas dessas áreas.



Dr. Paulo Renato Fonseca (anestesiologista)

O chefe do serviço de anestesiologia, membro da Sociedade Brasileira de Anestesiologia (SBA) e da Sociedade Brasileira de Estudo da Dor, tem mais de 3 mil procedimentos realizados sob anestesia na Pró Nascer.

Jornal Pró Nascer – Qual a importância do procedimento anestésico para o sucesso do tratamento da infertilidade?

Paulo Fonseca – A anestesia viabiliza procedimentos dolorosos, como a captura de óvulos e espermatozoides pelo médico ultrassonografista ou andrologista, sem nenhum sofrimento para a paciente.

JPN – Quais cuidados são tomados para proporcionar segurança no procedimento?

P.F. – Além do preenchimento do questionário sobre condições de saúde e risco cirúrgico durante o período da pré-estimulação ovariana, sempre realizamos uma entrevista antes do procedimento anestésico e seguimos todos os cuidados recomendados pelo Cremerj e pela SBA.

Afora isso, temos equipamentos que proporcionam segurança durante o procedimento, como monitorização contínua dos sinais vitais através de monitor multiparâmetro; máquina de anestesia dotada de respirador microprocessado e todo o material para suporte ventilatório; desfibrilador elétrico automático com marcapasso transcutâneo de última geração.

JPN – A Clínica Pró Nascer disponibiliza estrutura, em caso de complicações?

P.F. – Em mais de 3 mil procedimentos já realizados, as complicações ocorridas foram de baixa gravidade, como náuseas e vômitos, mas, caso ocorra uma complicação mais grave que necessite remoção, temos relacionamento com sistemas de ambulâncias e suporte de hospital e UTI no próprio BarraLife Medical Center, onde a clínica está localizada.



Dr. José Cathcarth Amado (ultrassonografista)

Especialista em diagnóstico por imagem, o radiologista trabalha há 12 anos na Pró Nascer. O chefe do serviço de diagnóstico por imagem é responsável pela USG seriada e também pela aspiração dos óvulos, um diferencial que otimiza os resultados.

Jornal Pró Nascer – Qual a importância da USG seriada para o controle da ovulação e para o sucesso do tratamento?

José Amado – Primeiramente, fazemos a avaliação da reserva ovariana e, posteriormente, realizamos o acompanhamento do crescimento folicular (USG seriada) para saber se a dosagem do medicamento é ideal ou se é necessário algum ajuste.

JPN – Qual a importância da tecnologia empregada no resultado do exame?

J.A. – Os equipamentos utilizados na clínica têm uma excelente resolução de imagem, facilitando, assim, uma boa qualidade e segurança para a realização dos procedimentos (USG seriada/aspiração folicular).

JPN – Qual a importância do mesmo profissional na realização da USG seriada e também na realização da aspiração dos óvulos?

J.A. – A importância é o acompanhamento da paciente desde o início até o final do procedimento, dando, assim, um conhecimento amplo sobre o quadro clínico da paciente, desde o período menstrual, realizando uma USG de base, até o procedimento no centro cirúrgico, onde é realizada a aspiração folicular (retirada dos óvulos). ■

Resultados 2013 – taxas de gravidez

Abril: 45% – taxa de gestação em idades heterogêneas

Maior: 47% – taxa de gestação em idades heterogêneas

60% – taxa de gestação com embriões descongelados

Pró Nascer news
Uma publicação

Pró Nascer
reprodução humana

Av. Armando Lombardi,
1.000, bloco I, grupo 123,
Barra da Tijuca - BarraLife
Medical Center
Tel.: (21) 3171-7854
www.pronascer.com.br

PRODUÇÃO E PROJETO GRÁFICO
SB Comunicação
www.sbcomunicacao.com.br

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Simone Beja

EDIÇÃO
Maria Cristina Miguez
COLABORAÇÃO
Cristiane Crelier